

Show de funk e bossa

Luísa Sonza traz a Brasília o show do novo disco, *Brutal paraíso*, em apresentação gratuita no Taguaparque

» NAHIMA MACIEL

A dualidade foi a maior inspiração de Luísa Sonza para criar as faixas de *Brutal Paraíso*, o quarto álbum de estúdio da artista e a base do show que ela faz hoje, no palco principal do Taguaparque, como parte da programação da Semana S 2026, maior evento integrado do sistema de comércio. Lançado no início de abril, o disco chamou a atenção pela mistura generosa de funk e bossa nova em uma sonoridade que passeia por referências da música brasileira ao mesmo tempo em que mergulha nas vivências da própria Luísa. “O *Brutal Paraíso* veio do meu momento atual da vida, seria muito estranho pra mim criar algo que não estivesse relacionado com o que penso, com o que estou vivendo. Eu precisava falar sobre essas coisas que a gente sente mas que são difíceis de nomear. A vida adulta é assim, né? Ela não é uma coisa só”, explica a cantora, em entrevista ao *Correio*. Em

janeiro deste ano, ela também lançou *Bossa Sempre Nova*, com Roberto Menescal e Toquinho, fruto de uma parceria acalentada há tempos e da relevância do gênero na vida da cantora.

A dualidade, ela enxerga na combinação entre amor e caos, na distância entre prazer e vazio, na contradição entre se expor e se sentir só. São sentimentos que Luísa explora em faixas como *Amor! Que pena*, com versos que cantam o fim de um relacionamento, e *Sempre você*, sobre o tempo e os clichês do amor. “O nome diz tudo: é brutal, mas é um paraíso. A vida é assim”, avisa. Uma das artistas pop mais ouvidas do Brasil, Luísa sempre teve a própria vida como material de partida para as canções, mesmo nos momentos mais difíceis. Foi com a música, principalmente, que ela respondeu aos haters que a levaram a sair do Brasil após ser ameaçada de morte em um episódio nas redes sociais. A superexposição na internet, com relacionamentos, carreira e dramas pessoais expostos e comentados de

maneira constante, também abriu espaço para participação de internautas nem sempre amigáveis. Parte disso está em álbuns como *Doce 22* e *Escândalo íntimo*, mas também em *Brutal paraíso* e, sobretudo, no documentário *Seu eu fosse Luísa Sonza*, lançado em 2023 na Netflix.

O repertório do show em Taguatinga traz, principalmente, as faixas do disco recém-lançado, mas Luísa avisa que vai incluir músicas que não podem faltar. É um formato novo de show, ela garante, uma versão da apresentação no festival Coachella, no início de abril. “Mas mais longa. Vai ser intenso emocionalmente. O repertório tem muito de *Brutal Paraíso*, lógico, mas também outras músicas que não podem faltar de jeito nenhum nos meus shows. Eu gosto de pensar no show como uma experiência completa, não só uma lista de músicas. E Brasília... Brasília sempre me surpreende. A energia é muito apaixonada, muito presente”, disse a artista, que, em entrevista, falou sobre as ideias que nortearam *Brutal paraíso*.

Foto: Divulgação



BRUTAL PARAÍSO — LUÍSA SONZA

Hoje, às 20h40, no Taguaparque (Taguatinga). Entrada gratuita mediante retirada de ingressos no <https://cncsemanasbrasil.facebook.com/events/df>

ENTREVISTA/Luísa Sonza

Bossa nova e funk são suas bases? Qual a importância, musicalmente falando, desses dois universos para você?

Eu comecei minha carreira cantando em banda de casamento, cantava de tudo, rock, bossa, sertanejo, pop, depois também comecei a me apaixonar pelo funk. Então para mim, transitar entre tantos estilos, especialmente bossa e funk, que são ritmos tão brasileiros, é quase uma declaração de amor ao nosso país.

Por que trazer a ideia de distopia para

esse álbum, cuja introdução é uma faixa instrumental intitulada *Distrópico*? O que motivou esse tema?

Porque eu acho que a gente já vive uma distopia, só não chama assim. Tudo é muito rápido, muito exposto, tem uma cobrança absurda para você performar felicidade, sucesso, que está tudo bem o tempo todo. E eu queria falar sobre o que está embaixo disso tudo. O álbum brinca com essa ideia de um “paraíso” que parece lindo por fora, mas que, por dentro, tem muita coisa pesada acontecendo.

Acho que muita gente se reconhece nisso.

O que é a música para você hoje? Qual a função dela?

É sobrevivência, sem exagero. É onde eu coloco coisas que, às vezes, eu nem consigo explicar falando. E a função? Acho que é essa: fazer alguém se sentir menos sozinho. Quando uma música encontra alguém no momento certo e essa pessoa pensa “é exatamente isso que eu estava sentindo”, para mim isso é tudo. Isso já muda alguma coisa em alguém.

Qual o melhor e o pior de ser uma artista pop?

A versatilidade que o pop proporciona é incrível e todo o universo que você pode criar a partir disso, eu amo criar eras, pensar em look, conceito, tudo. O pior... é que, às vezes, as pessoas esquecem que existe um ser humano aqui. Tem muito julgamento, muita projeção, uma pressão constante que é pesada, especialmente com a mulher. Eu amo o que eu faço, mas exige uma força emocional e física que ninguém vê.